

MARCO AURÉLIO NEVES DA SILVA

**VEM PRA RUA: UM ESTUDO SOBRE
MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E O PAPEL
DA MÍDIA**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

2016

MARCO AURÉLIO NEVES DA SILVA

VEM PRA RUA: UM ESTUDO SOBRE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E O PAPEL DA MÍDIA

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Felipe Lopes Menicucci

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulada *Vem pra rua: um estudo sobre mobilização política e o papel da mídia*, de autoria do estudante Marco Aurélio Neves da Silva, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Felipe Lopes Menicucci – Orientador

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Marcel Henrique Ângelo

Coordenadoria de Comunicação Social da UFV

Viçosa, 24 de junho de 2016

RESUMO

Este artigo vem abordar a realização do radiodocumentário “*Vem pra rua: a discussão política e o papel da mídia*”, produzido como parte do trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, da Universidade Federal de Viçosa. Neste produto experimental, nosso objetivo é falar sobre as divergências políticas atuais no cenário brasileiro e o papel da mídia, discutindo sobre a polarização política e sua influência no debate público, relacionando com o papel dos meios de comunicação de massa, em especial, o rádio. Por meio de entrevistas de um profissional de mídia, de um sociólogo e de dois estudantes militantes políticos, além de nossos estudos em uma pesquisa sobre identidade, representação, sistema político-partidário brasileiro, democracia, mídia, jornalismo e gênero radiofônico, exploramos o debate político na mídia hoje, principalmente a partir da observação do programa “Em Tempo Real”, da Rádio Montanhesa.

PALAVRAS-CHAVE

radiodocumentário; programa “Em Tempo Real”; política brasileira; meios de comunicação massa.

ABSTRACT

This article is approaching the completion of radio documentary "Come to the street: the political discussion and the role of the media", produced as part of the work completion of the Social Communication course of the Federal University of Viçosa. In this experimental product, our goal is to talk about the current political differences in the Brazilian scenario and the role of the media, discussing the political polarization and its influence on public debate, relating to the role of mass media, especially the radio. Through interviews of a media professional, a sociologist and two political activists students, and our studies in research on identity, representation, Brazilian political party system, democracy, media, journalism and radio genre, explore the debate political media today, especially from the observation of the program "In Real-Time", of Radio Montanhesa.

KEY-WORDS

Radio documentary; “In real time” program; brazilian politics; mass media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 - A REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE, O DEBATE POLÍTICO E A MÍDIA.....	09
1.1. Os militantes e a representação de identidade	09
1.2. O sistema partidário, o personalismo político e o papel da mídia.....	10
CAPÍTULO 2 - O PROGRAMA “EM TEMPO REAL”	14
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO.....	16
3.1. Pré-produção.....	16
3.2. Produção.....	17
3.2.1. Apresentação dos entrevistados.....	18
3.2.2. Gravações.....	19
3.3. Pós-produção.....	22
3.3.1. Edição.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

INTRODUÇÃO

Quando o ex-presidente Lula disse que a crise econômica de 2008 era um tsunami nos Estados Unidos e iria ser “uma marolinha” no Brasil, de certo ele não imaginava as profundas transformações que aquele momento fosse gerar no nosso país. Enganou-se quem pensou que as consequências seriam apenas econômicas. A turbulência internacional veio e, com o passar do tempo, as consequências dela, combinadas a fatores internos, ajudaram a provocar o nosso próprio período de caos econômico, que teve uma profunda influência na vida da população. A popularidade recorde de Luís Inácio Lula da Silva deu lugar a rejeição ao governo de sua sucessora Dilma Rousseff, que durante o seu mandato enfrentou as maiores manifestações populares desde a redemocratização.

O movimento dessas manifestações começou em 2012, mas foi no ano de 2013 que atingiu o seu apogeu, levando milhões de pessoas insatisfeitas com a realidade do país as ruas de nossas cidades. As “Jornadas de junho” - como ficaram conhecidas – reacendeu a discussão política do cidadão brasileiro, acarretando em uma realidade que faz a política nacional ser uma pauta com enorme destaque na nossa convivência, e fazendo da mobilização político-partidária algo comum entre as pessoas.

Percebemos hoje uma polarização da política brasileira, e a mídia está inserida diretamente no centro desse debate. É neste contexto que o radiodocumentário *Vem pra rua: a discussão política e o papel da mídia* pretende trabalhar. Observamos a política como assunto central dos dias de hoje, assim como a atuação – e a influência – dos meios de comunicação de massa.

Questiona-se até que ponto os meios de comunicação exercem uma influência nessas discussões. Por isso, o discurso político é um assunto importante e que merece análise. Visto que uma das características do trabalho do jornalista é a contemporaneidade, é ser a “testemunha da história”, pretendemos aqui, analisar o tempo presente, fazer um estudo contemporâneo, uma reflexão sobre a nossa própria época. É a relação com o tempo que AGAMBEN (2009) define:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p.59)

Motivados por seguir nessa tarefa de manter fixo o olhar no nosso tempo, quando falamos sobre meios de comunicação de massa, falamos do rádio entre esses meios. Por seu imediatismo, transmitindo fatos no momento que ocorrem; também por sua interatividade, com relação direta com a mensagem durante e após a sua emissão; e principalmente por sua capacidade de penetração, permitindo chegar a diversos lugares, podendo integrar o ouvinte por meio das mensagens locais.

A evolução do rádio enquanto veículo de comunicação de massa foi sustentada por características apontadas por BARBEIRO (2003) e FERRARETO (2001). A principal delas é a oralidade, que mostra o conceito de que o rádio fala e para receber a mensagem, é necessário apenas ouvir, caracterizando também a possibilidade de retratar o fato com o mínimo de detalhes necessários a sua compreensão como notícia.

Além disso, o rádio tem a possibilidade de transmitir informações com maior agilidade, porque depende de uma estrutura menor que a das emissoras de TV, e não precisa esperar a impressão da edição como nos veículos impressos, por exemplo. Sem a intenção de comparar outros meios de comunicação relevantes, aproveitamos para ressaltar as principais vantagens do meio radiofônico na produção e veiculação de mensagens jornalísticas e informativas.

São muitas as possibilidades de transmissão de mensagem através do rádio enquanto veículo de comunicação. Elas se diferenciam pela forma e pelo conteúdo, e são definidas através dos gêneros radiofônicos, como conceitua BARBOSA FILHO (2003). Gênero radiofônico é uma classificação mais geral da mensagem, o estilo específico que enquadra a expectativa dos ouvintes para qual a mensagem visa atender. Dentro do gênero, existem os formatos radiofônicos, que é o modelo que os programas assumem dentro de cada gênero. Nós trabalhamos com o “gênero jornalístico ou informativo” e, dos formatos radiofônicos apresentados, optamos pelo radiodocumentário. É um gênero de notícia agrupada, que permite o aprofundamento da discussão sobre diversos temas. Segundo JOSÉ (2003):

No documentário radiofônico, as sonoras como evidência oral podem ser entendidas como o testemunho oral das autoridades, transmitido verbalmente de um ponto específico para a audiência, isto é, as máquinas sensoriais tornaram possível a veiculação extensiva a todos os pontos de audiência em tempos/espacos diferentes e simultâneos. Como a evidência oral, as sonoras participam da tradição oral quando “As palavras, a forma e a entonação são todas estritamente definidas”, isto é, naquilo que é da informação radiofônica: suas formas modelares e seus elementos fixos construtores da sintaxe radiofônica; participam também da reminiscência pessoal quando “especifica das experiências de vida do informante.”, isto é, quando pontua e tangencia o assunto com os índices testemunhais dos envolvidos.(JOSÉ, 2003, p.5)

Dessa forma, definimos o rádio como veículo a ser trabalhado e discutido neste projeto. A escolha se justifica porque o veículo é, historicamente, um meio que alcança uma grande camada da população, além de ser de fácil acesso a qualquer pessoa. E ainda pelas suas características fundamentais, como a da transmissão do conhecimento através da oralidade.

O tema deste trabalho é um assunto é complexo, e visando enriquecer as discussões relacionadas a ele e fornecer conhecimento a população, temos como objetivo produzir um radiodocumentário que fale sobre as divergências políticas atuais no cenário brasileiro e o papel da mídia, para justamente deixar a comunidade bem informada a cerca da política e mídia, a fim de melhorar o debate político.

Este memorial procura fundamentar teoricamente e descrever as etapas do processo de produção deste radiodocumentário. A seguir, as páginas estarão divididas em três capítulos. O primeiro pretende conceituar a representação de identidade, a polarização política e o papel da mídia na sociedade. No segundo, trazemos um recorte sobre o programa “Em Tempo Real”, um exemplo de como o rádio enquanto veículo de comunicação discute política. E no terceiro capítulo, por sua vez, compreende todas as etapas de produção do radiodocumentário em um relatório técnico. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1 - A REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE, O DEBATE POLÍTICO E A MÍDIA

1.1. Os militantes e a representação de identidade

Quando pensamos em polarização política, pensamos nos lados envolvidos nesta situação. Os polos. O antagonismo. A diferença. Na parte inicial do radiodocumentário, damos voz a algumas pessoas em um povo-fala, manifestando a suas posições políticas. E a divergência é marcante. Também é notável no produto, um debate entre dois estudantes da UFV - Vinicius Vieira de Almeida e Waldemiro Peterle Neto - que são militantes que se identificam com a esquerda e a direita, respectivamente.

Quando em uma sociedade existem pessoas com opiniões e formações diversas, podemos entender que essas pessoas tendem a se aproximar de outras que tenham os mesmos interesses. Esse contexto é aplicável a várias esferas da vida: social, pessoal, profissional e política. Esse processo de aproximação e/ou distanciamento, entretanto, não é tão radical ou definido quanto se pensa. Afinal, vivemos em um espaço coletivo e a pluralidade de gostos, culturas e opções contribuem para a formação de uma identidade.

Por isso, consideramos relevante abordar neste projeto conceitos referentes à construção da identidade. HALL (2004) nos dá três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo é a concepção de sujeito humano centrado, racional, unificado e consciente. A identidade desse sujeito aparece no seu nascimento e desenvolve-se ao longo da vida em um processo contínuo. O centro essencial do “eu” era a identidade em pessoa. No sujeito sociológico, a identidade é formada na interação. Ele não é autossuficiente nem independente do mundo. Sua identidade não é formada apenas no interior, mas sim na interação do “eu” e a sociedade. O sujeito aqui é passível de modificações no diálogo com o mundo exterior. Por fim, temos o sujeito pós-moderno. Sem identidade fixa, permanente e essencial. Definida historicamente e não de forma biológica, é uma identidade móvel, sendo que o indivíduo pode possuir diversas identidades em si, utilizando-as de acordo com os sistemas culturais ao seu redor.

HALL (2004) mostra que as sociedades modernas são movidas pela ideia de mudança constante, rápida e permanente. Chamando atenção para o processo de

descontinuidades, em que nos mostra que a sociedade moderna é marcada pela diferença. Esta, por sua vez, produz diferentes sujeitos, diferentes identidades para os indivíduos. Como fica claro com o estudante de geografia Vinícius e o aluno de economia Waldemiro, inseridos no radiodocumentário produzido. Dois indivíduos com identificações diferentes, mas que dividem o mesmo espaço universitário.

A identidade moderna muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou politizada, e esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença.

Assim sendo, dependendo da representação, as suas identidades podem ser ganhas ou perdidas. Somos diferentes, cada um tem sua própria maneira de ser, de se identificar perante a sociedade. E isso vale em qualquer esfera, inclusive na política. No “debate” entre os dois militantes, a noção de representação foi questionada, colhendo respostas diferentes, de pontos de vista diferentes, de identidades diferentes. Podemos ter uma ideia de como os militantes podem ter uma noção de representação bem distinta, e conseguimos enxergar no debate político polarizado atualmente. Enquanto nas outras instâncias da vida a identidade permite “variações”, na política vemos que essas “variações” são minimizadas. As pessoas assumem a identidade de “eleitores” e definem, de maneira mais rigorosa, qual partido ou ideologia partidária vão seguir.

1.2. O sistema partidário, o personalismo político e o papel da mídia

Exposta a construção de identidade e a forma em que ela se manifesta no mundo moderno, vemos que hoje temos uma polarização de identidades políticas em franca discussão no país. BAQUERO e VASCONCELOS (2013), discutem sobre a democracia representativa, mostrando que o processo de mediação entre sociedade e Estado feito pelos partidos políticos se encontra seriamente deteriorado. A relação entre representantes e representado está em crise de credibilidade e legitimidade, gerando desconfiança na população com as instituições políticas e com a própria vida política.

Considerados parte importante do processo democrático, os partidos enfrentam novos desafios, como as organizações da sociedade civil que rivalizam com eles, a desilusão da eficiência dos partidos, a consolidação dos meios de comunicação como formadores de opinião e ainda, o declínio de identificação partidária das pessoas. Assim sendo, o artigo nos mostra que a maioria da população demonstra não acreditar que está

sendo bem representado. Os autores apontam ainda algumas possíveis causas para toda essa crise, como por exemplo, traços históricos nocivos aos partidos, que fazem com que eles sejam vistos com desconfiança desde a sua fundação.

Para BAQUERO e VASCONCELOS (2013), a maneira de realizar a política atual também tem sua influência. Sendo mais uma “política de reação” em prol de uma ação estratégica, os partidos geralmente acabam fracassando também por falta de direcionamento. Isso leva a insegurança e incerteza por parte dos cidadãos, que acabam trocando de partido facilmente, institucionalizando o personalismo, que é quando a figura do candidato se sobrepõe as instituições, outro grande fator que abala a confiança partidária. No radiodocumentário, o professor Jeferson Boechat também discorre sobre o “presidencialismo de coalizão”, como diz, que atribui um enorme poder ao Executivo, logo, uma enorme visibilidade. E assim, faz com que a figura principal seja sempre da pessoa do presidente da república. Gerando uma resposta emocional, e que em momentos de crise, essa emoção é aflorada, com consequências nocivas ao debate político.

Para MIGUEL (2004), a representação política também é discutida e se atenta para a sua ineficiência na sociedade brasileira. Mas dessa vez, o autor nos mostra o problema no processo eleitoral, falando sobre a noção de “vínculo eleitoral”: Portanto, a qualidade do vínculo eleitoral - a capacidade que o processo eleitoral tem de vincular ações dos representantes à vontade dos seus representados - é determinante da qualidade da democracia enquanto tal, isto é, governo do povo.(MIGUEL, 2004, p.92)

Como um efeito em cadeia, se o vínculo eleitoral não for eficiente, logo acarretará em um governo ineficiente, o que resulta em uma democracia também com ineficiência. Desse modo, ele nos leva enxergar a grande importância do processo eleitoral em si, mostrando que muitas vezes, o processo democrático pode ter problemas ocasionados pelo começo de sua construção. O processo eleitoral também é mencionado pelo Prof. Jeferson Boechat, como um sistema partidário fraco que induz o eleitor a votar na pessoa, e não em um projeto do partido, mantendo padrões estritamente pessoais de avaliação, sendo muito ruim para a democracia funcionar de forma eficiente e adequada.

O autor compete obstáculos para o aprimoramento do vínculo eleitoral, como a apatia popular, o interesse próprio dos governantes, a influência de grupos especiais importantes (geralmente ligados ao capital) e o fluxo de informações. É pelo o fluxo de

informações que a mídia ganha mais importância nessa discussão, já que questiona-se até que ponto os meios de comunicação exercem ou não influência no debate político.

Nesse último quesito, o fluxo de informações, MIGUEL (2004) fala sobre a grande importância para os eleitores de saberem quem são os candidatos, a sua trajetória e as suas propostas. Assim também como as informações do mundo social, quais são os desafios a serem enfrentados, e as alternativas para esses desafios e suas possíveis consequências. O autor discorre sobre o papel do jornalismo, já que trabalha exatamente com o fluxo de informações. Falando de diversas teorias do jornalismo, como a Teoria do Gatekeeper, a Hipótese do Agenda-Setting, Teoria de Lazarsfeld, ele delibera sobre a real influência da mídia no fator de decisão de um processo eleitoral, logo, na representação política também.

Além disso, discutimos também o efeito da mídia na polarização política de hoje. O Prof. Jeferson Boechat comenta no radiodocumentário que a mídia é um fórum, um espaço, em empresas de comunicação tem a capacidade de ofertar ao público, os temas que vão ser discutidos. Para ele, o problema para o debate político polarizado não é esse, e sim o apego excessivamente emocional dos fatos políticos. Ele relaciona a casos históricos do Brasil, como os eventos anteriores a Revolução de 1930, os eventos que levaram ao suicídio do presidente Getúlio Vargas, a tomada do poder pelos militares em 1964 e o período depois da frustração com relação às eleições diretas da emenda Dante-Oliveira, como momentos carregados de passionalidade, e que nós estamos vivendo esse momento agora, em que a exacerbação é simplesmente circulada pela mídia.

O que pode ser notado em BAQUERO e VASCONCELOS (2013), e em MIGUEL (2004), é o efeito de personalização da política, potencializado pelos meios de comunicação social.

Os meios de comunicação de massa, assim, vão desempenhar um papel significativo naquilo que Martin Wattenberg (1998) chamou de “declínio dos partidos políticos”. Não apenas as personalidades se sobrepõem às organizações, como também o acesso ao eleitorado prescinde da estrutura partidária: uma rede de comitês de militantes era importante quando se tratava de distribuir santinhos, não quando se faz uma transmissão em cadeia nacional. (MIGUEL, 2004, p.99)

Manin (1997 apud MIGUEL, 2004) complementa com sua “democracia da audiência”:

Nela, o processo eleitoral volta a indicar uma confiança pessoal, mas agora refletindo as imagens construídas na mídia, não os vínculos locais. Na democracia de audiência, as pesquisas de opinião e os especialistas na construção de imagens ocupam posições de protagonistas, os partidos perdem importância e o eleitor se torna disponível para o mercado político como um todo, uma vez que as lealdades tradicionais entram em declínio. (MANIN, 1997 *apud* MIGUEL, 2004, p.100)

Mesmo assim, a relação de dependência da política com a mídia não pode ser estabelecida como algo fixo e determinado. Para MIGUEL (2004), a relação da mídia com a política é uma via de mão dupla, onde uma influencia a outra, havendo reciprocidade. Também considera que a vida política no Brasil jamais se estabeleceu como um ideal sistema representativo-partidário, e assim, os meios de comunicação social não aparecem como desorganizadores do sistema atual. Há de se levar em conta as particularidades do caso brasileiro como o sistema eleitoral, a concentração da mídia e a volatilidade do regime dos partidos. Desse modo, o declínio dos partidos e a personalização da política são também culpa da mídia, mas mais ainda das instituições políticas vigentes.

CAPÍTULO 2 - O PROGRAMA “EM TEMPO REAL”

Por um período de cinco meses, tive a oportunidade de estagiar na Rádio Montanhese, exercendo a produção do programa de José Valentim, como é chamado pelos ouvintes e os entrevistados. Além de produtor, também fui repórter em algumas situações, principalmente na cobertura de eventos como palestras sobre economia, política e sociedade, acontecimentos como a greve nacional dos bancários, reuniões da câmara municipal e em coletivas de imprensa da prefeitura. Assim, pude vivenciar fatos e histórias que, baseado em nosso tema e pesquisa, encontrei no programa um exemplo para este trabalho.

Todas as manhãs de segunda a sexta-feira, José Antônio Valentim sai da pequena cidade de Cajuri e percorre os 18 km de estrada até Viçosa, não só para trabalhar com processos que o exercício da advocacia lhe traz, mas principalmente para exercer a atividade que o tornou conhecido na região: a de radialista. É dele a voz por trás do microfone no programa “Em Tempo Real”, da Rádio Montanhese de Viçosa, levando informação e discussões sobre os mais variados temas para dentro da casa do cidadão viçosense.

O programa começa cedo, às 8h da manhã e vai até meio-dia. De início, são passadas ao ouvinte as manchetes dos principais jornais do país, como a Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Estado de Minas. Durante o programa, em uma ordem não muito bem definida, são veiculadas algumas reportagens com o resumo sobre esportes, economia e política, esta, geralmente de Brasília. Quando me foi apresentado o programa para trabalhar, fui instruído a buscar mais pautas locais, para aproximar ainda mais da comunidade de Viçosa, um objetivo de José Valentim. Na transcrição abaixo, retirada do radiodocumentário, ele conta como planeja o programa:

A importância que eu vejo é exatamente de possibilitar, de provocar nos ouvintes, também a discussão. A intenção, o objetivo é exatamente provocar nos ouvintes essa possibilidade deles também discutir os assuntos do dia-a-dia, principalmente aqueles assuntos que mais interessam a nossa comunidade [...] Fazer com que nossos ouvintes também discutam os problemas vividos aqui na comunidade. Pra que eles também venham discutir os problemas da comunidade. A gente quer que eles tenham uma participação crítica, diante dos problemas da nossa comunidade, e deixem de ser uma comunidade passiva e passem a discutir. (VALENTIM, 2016)

São muitos os convidados participantes do programa. Eles podem estar presentes nos estúdios da Rádio Montanhese ou serem entrevistados por meio do

telefone, para terem uma palavra com José Valentim. Muitos, dos mais variados tipos e funções. Dentre os convidados, são recebidos vereadores, o prefeito, secretários municipais, representantes de associações dos moradores, policiais, empresários, entre outros membros da sociedade civil organizada, que vão debater sobre assuntos de grande interesse público e prestar contas sobre o trabalho entregue para a sociedade. A participação dos ouvintes em meio a essas conversas também acontece. O programa é assim, um claro exemplo local de como o *accountability*¹ se realiza. No caso específico dos políticos, José Valentim assegura pluralidade:

Nós temos franqueado espaço para os políticos, em nível local, regional, nacional, você mesmo foi estagiário aqui, inclusive já fez vários contatos, com políticos locais, regionais, com políticos em âmbito nacional, a gente coloca. E aqui não tem sectarismo, não. Então a gente ouve sempre os políticos dos mais variados matizes, das mais variadas ideologias. Aqui a gente sempre tem essa preocupação. (VALENTIM, 2016)

O programa ainda conta durante as quintas e sextas-feiras com a sessão chamada de “Debates Populares”. Consiste em uma mesa de conversa entre o apresentador – como mediador dos debates - e alguns intelectuais convidados. Durante esses debates, são discutidos assuntos dos mais variados. A pauta é geralmente, os acontecimentos políticos do país. José Antônio Valentim diz que procura convidar pessoas com visões ideológicas distintas, posicionamentos antagônicos, para promover o debate e a divergência de ideias.

O programa “Em Tempo Real” é um exemplo de como a mídia, especialmente o gênero radiofônico, pode ter papel democrático e ser espaço público para debate. Podemos perceber que a ação e o discurso são possibilidades respeitadas pelos princípios da racionalidade, universalidade, reciprocidade e não coerção, ampliando os pontos de vista pela pluralidade de papéis sociais que constituem o cotidiano do programa, produzindo o que chamamos de “esfera pública”, sendo uma possibilidade para o surgimento da razão comunicativa.

¹ *Accountability*: em tradução literal, significa “prestação de contas”. É o conceito de que membros e/ou representantes de órgãos ou instituições públicas e/ou privadas tem de reportar explicações às instâncias devidas ou aos representados sobre o que anda fazendo, a razão de suas ações e o que pretende fazer, com a finalidade de avaliação e fiscalização.

CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO

O processo de produção do radiodocumentário *Vem pra rua: a discussão política e o papel da mídia* foi dividido em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. Neste capítulo abordaremos as três etapas em detalhes, além de outras questões envolvidas na realização desse trabalho.

3.1. Pré-produção

Em conversas por email, pensamos inicialmente em desenvolver um programa de rádio sobre política, mas optamos por um radiodocumentário, visto que era algo que estaria familiarizado, por já ter produzido um durante a minha graduação. Definido o formato do produto, seguimos em frente.

Em uma reunião com o orientador, definimos que em virtude do pouco tempo, o roteiro do radiodocumentário teria que ser feito em conjunto com a produção do mesmo. Assim, logo comecei a elaborar o roteiro ao mesmo tempo em que elaborava as perguntas para as entrevistas. A reunião foi importantíssima para definir o que este trabalho se tornou.

Decidimos então dividir o radiodocumentário em três eixos, isso para facilitar a estruturação do roteiro. Primeiramente, começar com o factual, falando como está a situação do debate político hoje, o panorama atual. Um “povo-fala” baseado na orientação política foi sugerido para começar, já que é um depoimento curto de várias pessoas na rua – uma de cada vez – com o objetivo de demonstrar a polarização da política brasileira, questionando “qual a sua posição política? como você se identifica politicamente?”.

Em seguida a ideia do começo do documentário, fomos aos poucos definindo quem poderiam ser os participantes. Mostrando o panorama político com o povo-fala, pensamos em colocar em seguida um sociólogo para comentar o porquê dessa polarização na discussão política do nosso país. Escolhemos o professor Jeferson Boechat, já que o conhecia por ter sido seu aluno e saber de seu trabalho relacionado com a Teoria Política.

Assim, partimos para a segunda parte, em que se questionaria qual era o debate que motivava a polarização. Sobre o quê as pessoas com essas diferenças ideológicas divergem, afinal. Debatem sobre esquerda ou direita, capitalismo ou socialismo, política

e cidadania? Com essa finalidade, decidimos ouvir representantes dos grupos que se identificam com os polos dessa discussão. Queríamos pessoas que se identificassem com as ideologias e ao mesmo tempo, que atuassem em defesa dela em algum momento. Queríamos militantes.

Pensamos em movimentos sociais, e o Levante Popular da Juventude surgiu como uma opção, por ser uma organização notadamente de esquerda. Entrei em contato com a estudante Bruna Matos, estudante de economia e militante da organização. Em se relacionando com a direita, pensei no também estudante de economia Waldemiro Peterle Neto, que já o conhecia, por ele fazer parte do Caeco, o centro acadêmico de economia. Felipe também sugeriu padronizar as perguntas para os dois, para confrontar as respostas, e assim criar um debate.

E finalmente, chegamos ao terceiro e último eixo ao qual nos direcionamos, a nossa proposta de análise. Como poderíamos avaliar a política hoje, como poderíamos fazer um sistema crítico de política na mídia. Visto que vamos trabalhar com rádio, decidimos falar do rádio em si, como esse meio de comunicação pode ser uma plataforma para aumentar a qualidade da discussão política. E é nesse momento que o programa “Em Tempo Real” entrou na pauta.

Ficou decidido assim o direcionamento do radiodocumentário, com os entrevistados que planejamos: um sociólogo, um militante de esquerda, um militante de direita e um radialista. Assim, comecei a escrever o roteiro, construindo uma narrativa composta por quem eram os entrevistados. O dividi em três partes, seguindo os “os três eixos” do produto. Primeiro, escrevi um “projeto” do roteiro, um estrutura, antes de fazer as entrevistas, para aproveitar o tempo. Com as três partes direcionadas, assim que elaborava as perguntas para os entrevistados, fui refazendo o roteiro de acordo com elas, para que depois, assim que as entrevistas tiverem sido feitas, as respostas se encaixariam nessa estrutura.

A fonte Bruna Matos acabou não comparecendo as gravações, sendo substituída por Vinícius Vieira de Almeida, também membro do Levante.

3.2. Produção

Decididos os detalhes, passamos para a produção do radiodocumentário. As entrevistas foram feitas em dias diferentes, e as datas acabaram sendo alteradas no decorrer da semana de gravações.

3.2.1. Apresentação dos entrevistados

Jeferson Boechat Soares, 50 anos – Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFV, o sociólogo é mestre em sociologia também pela UFMG e doutor em sociologia e antropologia pela UFRJ. Tem grande conhecimento na área da política e comunicação, com experiência acadêmica em Teoria Política e Epistemologia, tendo ministrado aulas em Sociologia da Comunicação para os estudantes de jornalismo, do qual fui um dos seus alunos e o conheci desde então. É conhecido por ter sempre uma postura bastante crítica ao sistema político brasileiro.

Vinícius Vieira de Almeida, 22 anos – Viçosense, estudante de Geografia na UFV e membro do Levante Popular da Juventude há cinco anos, sempre foi envolvido com questões sociais, desde os tempos da Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Conheceu o Levante por meio da Igreja, e por julgar serem mais atuantes na prática, aderiu ao movimento. Pelo Levante, Vinícius faz alguns trabalhos de mídia, como a cobertura *in loco* do desastre ecológico de Mariana – MG.

Waldemiro Peterle Neto, 21 anos – Natural de São Mateus, no Espírito Santo, o estudante de Economia da UFV é desde 2013 o presidente do Caeco, o centro acadêmico do curso. De alguma forma, sempre foi envolvido com política, tanto por familiares quanto por si mesmo. Não por acaso que ele e outros alunos refundaram o centro acadêmico, que estava sem diretoria, com o desejo de retomar a representação estudantil.

José Antônio Valentim 56 anos – Nasceu em Cajuri, pequena cidade perto de Viçosa, e tem uma longa história com as duas cidades, tanto na política quanto na comunicação. Na primeira, foi vereador por três vezes entre as décadas de 80, 90 e 2000, e no meio dessa trajetória ainda tem um mandato como Prefeito da cidade em 1993. Esse ano, novamente vai ser candidato, mas dessa vez como vereador de Viçosa. Graduado em Cooperativismo e Administração pela UFV, e em Direito pela ESUV, o também advogado trabalha na Rádio Montanha desde 1989, quando começou como repórter de esportes. É desde 2013 o apresentador do programa “Em Tempo Real”, em que diariamente vem discutindo e mediando discussões sobre política, economia e sociedade.

3.2.2. Gravações

As entrevistas foram realizadas em diferentes locais. Primeiramente, o povo-fala foi gravado pelo celular (modelo Samsung Galaxy Young Plus), no calçadão de Viçosa, lugar de grande trânsito de pedestres. A entrevista de José Valentim foi feita nos estúdios da Rádio Montanhesa, com o apoio técnico de Cláudio Benitez Gesualdo Pinheiro, e utilizamos o espaço e os equipamentos de gravação que foram cedidos gentilmente pela rádio. Com Jeferson Boechat, conversamos em sua sala, no Departamento de Ciências Sociais, gravada também pelo celular. As conversas com Waldemiro e Vinícius foram gravadas no estúdio do Museu da Comunicação, com o apoio técnico de Leandro Vieira.

As entrevistas foram agendadas para diferentes dias da semana, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, sendo que começamos as gravações na segunda-feira. Ao longo da realização das entrevistas, elas foram enviadas para o orientador para que ficasse a par da situação.

No primeiro dia, fui para o calçadão de Viçosa colher depoimentos de posicionamentos políticos das pessoas para o nosso povo-fala. Abordei as pessoas que passavam pelo local, perguntado com qual orientação política elas mais se identificavam, com a direita ou com a esquerda, de centro, entre outras posições políticas. Também foi dada a opção de citar partidos ou figuras políticas com quais as pessoas se sentissem mais representadas. O povo-fala foi feita na parte da manhã e na parte da tarde, perto do horário do almoço.

No segundo dia, fui para a Rádio Montanhesa, onde tinha marcado a entrevista com José Valentim. O tema do projeto já era de seu conhecimento, pois conversei com ele anteriormente em uma visita que fiz ao seu programa, onde expliquei os objetivos do trabalho. Antes de iniciarmos as gravações, conversamos um pouco sobre algumas questões a cerca de sua vida pública, coletando dados gerais.

Com as perguntas em mãos, expliquei que queria a entrevista de um jeito mais informal, como se fosse uma conversa, falando sobre política, mídia e seu trabalho. Fomos para o estúdio e sentamos um ao lado do outro, cada um com um microfone, e demos início a nossa conversa. A entrevista foi até mais rápida do que esperava, e o entrevistado ficou bem à vontade, visto que o já conhecia bem, por ter trabalho junto com ele por um semestre, além do próprio já ter grande experiência com essas situações, ainda que geralmente do lado do entrevistador.

Quarta-feira e terceiro dia de gravações, desta vez no estúdio do Museu da Comunicação. Havia conversado com Waldemiro apenas por whatsapp, visto que não me encontrava mais em Viçosa, e esse foi o jeito mais prático de falar sobre o projeto e fazer o convite para participar. Como combinado, nos encontramos à tarde no Museu, e logo fui explicando como seriam as gravações. No mesmo estilo da entrevista com José Valentim, lado a lado, como uma conversa, um bate-papo. As perguntas seriam mais gerais, sobre política, representação e mídia, e disse a Waldemiro que ficasse à vontade para responder como bem entender, de acordo com suas concepções ideológicas.

Preparei um grande número de perguntas, mesmo sabendo que seria praticamente impossível utilizar todas para o documentário, mas foi com a intenção de fazer com que o lado ideológico do entrevistado se manifestasse melhor de forma mais clara. Pela quantidade de perguntas, a entrevista teve longa duração, o que já era esperado.

Aproveitei a oportunidade de estar no estúdio do Museu e gravei uma primeira versão de locução do roteiro, com a finalidade de ter uma ideia de tempo do documentário e de como ficaria o texto na gravação.

Na manhã de quinta, encontrei com o professor Jeferson em sua sala do Departamento de Ciências Sociais. Inicialmente a entrevista estava marcada para o dia anterior, mas não pode ser realizada por conta de um imprevisto com o professor. Falei sobre o projeto com o professor por email, pelo motivo já explicitado na parte de cima.

Assim, conversamos brevemente sobre os objetivos do trabalho, e começamos a gravar. Como já conhecia o professor e o estilo de suas respostas sempre muito bem elaboradas, produzi poucas perguntas, mais diretas. Essa entrevista não foi exatamente igual as outras. Sentamos um de frente para o outro, e as respostas foram maiores do que a de outros entrevistados, com menos intervenções minhas. As perguntas tiveram certo embasamento teórico, visto que a participação do entrevistado seria a parte mais didática e acadêmica do documentário.

Por fim, na sexta, foi gravada a última entrevista. Havia conversado pessoalmente com Vinícius ao longo da semana. Anteriormente, o entrevistado de esquerda seria a estudante de economia Bruna Matos, mas devido ao não comparecimento da mesma, nós optamos por substituí-la. Assim como com o Waldemiro, nos encontramos a tarde no Museu da Comunicação para gravar e lhe expliquei como seriam o estilo das gravações.

As mesmas perguntas que foram feitas ao Waldemiro também foram feitas ao Vinícius, e deixei isso claro para ambos. Novamente lado a lado no estúdio, começamos a gravar. A conversa foi informal e bem esclarecedora de seu posicionamento político, do mesmo jeito como foi com o entrevistado antagonista. Ao longo do decorrer da gravação, pude notar a clara diferença de ideologia política e visão de mundo dessa entrevista com a outra do mesmo estilo. O objetivo da divergência foi alcançado.

Depois de coletado todo o material sonoro necessário para a realização do rádiocumentário, a etapa seguinte foi a de decupagem. Esse processo é importante para manter a qualidade jornalística do produto. Ao ouvir, mais de uma vez, todas as sonoras de todos os entrevistados, pude retirar informações relevantes, definir quais trechos de áudio seriam utilizados e apurar as informações para a construção do roteiro final.

Para a gravação do roteiro, optei por uma técnica que garante segurança ao produto, minimiza erros e evita o desperdício de tempo: o mesmo texto foi lido três vezes no estúdio de rádio do Curso, localizado no Museu da Comunicação. Essa estratégia se mostrou eficiente porque dá mais opções na hora de editar. Uma locução mais acelerada, outra mais lenta e outra mais uniforme. Pedi gentilmente para que o técnico Leandro me auxilia-se na observação dessas gravações, para que pudesse diferenciá-las e escolher a que ficasse melhor.

Todas as entrevistas realizadas e a locução gravada, pensamos que seria interessante colocar um trecho do programa “Em Tempo Real” no produto, para servir de exemplo. Escolhi pegar a parte inicial do programa e a parte final, que conta com os “Debates Populares”. O material foi gentilmente cedido pela Rádio Montanhesa.

3.3. Pós-produção

Na fase de pós-produção, comecei a edição do material coletado. Assim como estava de acordo com o roteiro e o direcionamento deste trabalho, dividi a montagem do documentário em três partes. As partes das entrevistas do professor Jeferson e de José Valentim que constam no produto já haviam sido marcadas durante a produção para a elaboração do roteiro, logo, bastava apenas editá-las e encaixar na locução.

Primeiramente, comecei pela edição do povo-fala, colocando-o no início da minha narração. Em seguida, parti para as sonoras do Jeferson, encaixando-as no

produto de acordo com o roteiro. Assim fiz com as sonoras de José Valentim, que também já estava com sua participação roteirizada.

Depois, foi a vez dos dois militantes, e tive que editá-las com mais tempo. A participação dos dois é diferente dos outros entrevistados, pois não dependia muito do que estava no roteiro para acontecer, porque eles entram de uma vez só, como se fosse um debate. Dentre as várias questões dessas entrevistas, escolhi quatro que mais tinham a ver com o objetivo do programa, para mostrar a divergência dos lados sem ficar cansativo para o ouvinte.

Na parte final do programa, coloquei a abertura do programa “Em Tempo Real” e o trecho dos “Debates Populares”. Enviei o radiodocumentário para o professor Felipe Menicucci sem trilha sonora, para que ele avaliasse como ficou com as sonoras dos entrevistados e ganhar um pouco de tempo enquanto pensava no conjunto sonoro que iria compor o produto.

Em relação ao uso de trilhas, efeitos e transições sonoras, optei por adicionar mais duas passagens nas sonoras do professor Jeferson e um complemento na narração antes do debate entre os militantes. O trecho dos “Debates Populares” foi diminuído e o debate dos militantes foi reorganizado para as respostas que começavam mais diretas com as perguntas. Ao final, enviei a nova edição ao professor, que depois fez algumas considerações a respeito da trilha sonora e a adição de uma vinheta de abertura.

Em relação ao conjunto musical da obra, optei por músicas instrumentais, por achar que dão uma dinâmica interessante ao documentário, principalmente na transição de uma parte para outra, além de poder utilizá-las como *background* sem ter uma voz de algum cantor ou cantora que pudesse atrapalhar o entendimento da narração ou sonora. As músicas são do compositor e produtor musical norte-americano Kevin Macleod, conhecido por fazer trilhas sonoras para filmes e jogos de videogame. Em seu site, imcompetech.com, ele disponibiliza todo seu acervo musical para ser baixado gratuitamente.

3.3.1. Edição

Para a edição do produto, o programa utilizado foi o Sony Sound Forge Pro 10.0, disponível nas ilhas de edição do Curso de Comunicação Social. O programa permite realizar materiais com qualidade superior, graças à variedade de recursos e possibilidades. Para chegar à versão final do radiodocumentário, o arquivo de áudio

passou por 3 reedições, baseadas em audições preliminares para correção de erros e ajustes de áudio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidi fazer um radiodocumentário sobre mobilização política e o papel da mídia, encontramos diversos trabalhos acadêmicos sobre gênero radiofônico, documentário, identidade, política e mídia, no conteúdo das disciplinas feitas ao longo do curso de jornalismo e em sites de pesquisa. Procurei utilizar a mídia como um meio para estudar o papel da própria mídia na política, especificamente o rádio, por remeter às linguagens orais fundamentais para transmissão de conhecimento e por permitir experimentações como essa, e assim, fazer algo realmente valoroso para a sociedade e que pudesse de alguma forma, ajudá-la no seu cotidiano.

As enriquecedoras entrevistas que compõem este produto comprovam a capacidade e competência dos entrevistados, que gentilmente aceitaram participar do projeto, como pessoas que vivenciam aquilo que estávamos procurando. À todo momento, trabalhamos com imparcialidade e isenção, sem deixar que posições pessoais influenciassem no caminhar das entrevistas. Isso ficou claro principalmente na parte dos militantes, que tiveram sua participação com igualdade de tempo e vez, em que procuramos ouvir os dois lados tratando com a mesma seriedade e respeito. Seja por meio da atuação direta ou pelo meio acadêmico, encontramos testemunhas vitais para legitimar o nosso estudo, e apesar de toda a complexidade do tema, conseguimos demonstrar como a cidadania pode ser exercida, ainda que o tempo atual seja de certa dificuldade em dialogar.

Assim sendo, acredito que este trabalho soube cumprir com o objetivo que foi posto. Mostramos ao longo do radiodocumentário e deste memorial, referências históricas e culturais da sociedade como razões para as divergências e posições para o que vemos atualmente. Também, nós apontamos alguns dos problemas do nosso sistema político-partidário para, se possível e correndo o risco de aparentemente ser audacioso, ajudar em direcionar alguns caminhos de uma construção de uma democracia representativa com menos falhas, mais inclusiva, plural, com eficiência para de fato representar os seus representados. Mostrando é claro, a importância da comunicação social para a vida das pessoas, o seu papel enquanto esfera pública para a deliberação de temas de interesse público, e assim fazendo da cidadania algo cotidiano, para enfim alcançarmos cada vez mais uma melhor noção de convivência entre os demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** In: O que é contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2003.

V CONGRESSO DA COMPOLÍTICA, 2013, Curitiba. BAQUERO, Marcello; VASCONCELOS, Camila de. **Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil.** Compolítica, Curitiba, Maio, 2013, 20 p.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. JOSÉ, Carmen Lúcia. **História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências.** Intercom, Belo Horizonte, setembro, 2003, 13 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Dp&A Editora, 2004.

MANIN, B. **The principles of representative government.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MIGUEL, Luis Filipe; **Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro.** OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. X, nº 1, Maio, 2004, p. 91-111

VALENTIM, José Antônio. **O debate político na mídia.** Viçosa, Rádio Montanhese, 17 maio de 2016. Entrevista a Marco Aurélio Neves.

ANEXO – ROTEIRO RADIODOCUMENTÁRIO

AUTOR: Marco Aurélio Neves- 74563	IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO/ PEÇA OU PROGRAMA Rádiodocumentário Nome: Vem pra rua: a discussão política e o papel da mídia	TEMPO 27'
TEC - Vinheta de abertura "Vem pra rua"	<p>Vem pra rua! Um radiodocumentário sobre a discussão política e o papel da mídia</p> <p>MARCO: DESDE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013/ CONHECIDAS TAMBÉM COMO “JORNADAS DE JUNHO”/ A POLÍTICA TEM SIDO PAUTA RECORRENTE NO BRASIL// SEJA NAS CONVERSAS EM FAMÍLIA/ COM AMIGOS/ COM OS COLEGAS NO TRABALHO OU NA FILA DO BANCO/ O ASSUNTO TAMBÉM VEM GANHANDO CADA VEZ MAIS ESPAÇO NA MÍDIA/ E ESTÁ FICANDO DIFÍCIL NÃO DAR ALGUMA OPNIÃO SOBRE O ATUAL CENÁRIO POLÍTICO DO PÁIS//</p> <p>COM MAIS PESSOAS DIZENDO O QUE PENSAM/ O ASSUNTO SE TORNA POLÊMICO/ JÁ QUE MEXE COM IDEOLOGIAS.../ VISÕES DE MUNDO.../ E PAIXÕES DO BRASILEIRO//</p>	

<p>Sobe som – Sneaky Snitch (Kevin Macleod), trilha cai para BG em 1'02" até o fim do povo-fala</p> <p>POVO-FALA</p>	<p>NATURALMENTE AS DIVERGÊNCIAS APARECEM// E COMO APARECEM!!! É SÓ ANDAR NA RUA E VER QUE O MOMENTO DO DEBATE POLÍTICO HOJE É BASTANTE HETEROGÊNEO//</p> <p>Eu sou uma pessoa de centro. Centro tendendo um pouquinho mais para a esquerda.</p> <p>Ah, eu me identifico mais com a direita, né?!</p> <p>Ultra-esquerda, socialista, marxista, leninista!</p> <p>Eu sou mais direita, os partidos mais de direita são mais coerentes com o que eu penso. Pessoal do Democratas, do PSDB, pessoal mais alinhado com meu pensamento assim.</p> <p>Eu já fui, sou ainda da esquerda, mas fui um petista por longos anos, hoje não voto mais no PT.</p> <p>Hoje eu não me defino nem como esquerda, nem como direita, já não confio mais em partido nenhum.</p> <p>MARCO: O QUE VOCÊ ACABA DE OUVIR É O RETRATO DO FENÔMENO DA POLARIZAÇÃO</p>	
--	--	--

<p>SONORA Jeferson Boechat</p>	<p>DA POLÍTICA BRASILEIRA// NÃO POR ACASO/ A ÚLTIMA DISPUTA PRESIDENCIAL FOI A MAIS ACIRRADA DESDE A VOLTA DAS ELEIÇÕES DIRETAS// SEGUNDO O SOCIÓLOGO JEFERSON BOECHAT/ O PRÓPRIO SISTEMA POLÍTICO CONTRIBUI PARA A DIVERGÊNCIA DE IDÉIAS// A POLARIZAÇÃO É DESENCADEADA PELAS PRÓPRIAS INSTITUIÇÕES E PELO PERSONALISMO//</p> <p>O debate político ficou polarizado porque isso é uma característica induzida pelo sistema político. O sistema político brasileiro está sentado sobre dispositivos institucionais, principalmente pela nossa Constituição, que atribuem ao executivo - Federal principalmente - um enorme poder de iniciativa política, principalmente iniciativa legislativa.</p> <p>É o chamado “presidencialismo de coalizão”, que atribuem ao Executivo um grande poder. O quê que isso significa? Significa basicamente que o executivo, para as pessoas, sociedade civil, grupos ou indivíduos isoladamente, o executivo tem uma enorme visibilidade. Isso se reflete no debate político. A figura das políticas públicas, a figura principal é sempre a pessoa do presidente da república.</p> <p>Então quando uma política pública agrada determinados setores, grupos ou desagrada outros,</p>	
---	---	--

Sobe Som - Scheming Weasel (faster), trilha cai para BG em 05'14"

menos isso que a gente tem visto, inclusive aí, explodindo nas redes sociais de uma forma perigosa, porque na verdade induz a intolerância.

Mas a leitura é sempre assim, a gente vota em pessoa, a gente escolhe pessoa, e a gente entende que o projeto de governo, o projeto mesmo de país é sempre um projeto de pessoa, não de partido. E isso é muito ruim para a democracia, porque a democracia, para funcionar de uma forma mais eficiente e adequada, ela tem que estar sentada sobre um sistema partidário, temos que ter uma coisa um pouco mais impessoal, nós ainda não conseguimos realizar essa impessoalidade.

MARCO: TODA ESSA DISPUTA ENTRE OS LADOS/ ESSA DISCUSSÃO/ NOS FAZEM PENSAR: AFINAL/ O QUE REALMENTE ESTÁ EM DEBATE?// O QUE ESTÁ DE FATO SENDO DISCUTIDO?// QUAL O MOTIVO DE TAMANHA DIVERGÊNCIA?//

SÃO COM ESSAS DÚVIDAS EM QUESTÃO QUE VAMOS OUVIR OPINIÕES DE DOIS GRUPOS IDEOLÓGICOS DISTINTOS: A ESQUERDA E A DIREITA// EM UMA CONVERSA BASEADA NAS MESMAS PERGUNTAS/ E RESPONDIDA POR PONTOS DE VISTA BEM DISTANTES UM DO OUTRO//

<p>Sobe som – continuação de Scheaming Weasel e cai para BG novamente</p> <p>Sobe som – Scheaming Weasel, trilha encerra em 06'</p> <p>Sobe som – Dirt Rhodes, trilha cai para BG em 06'12" até o fim da pergunta</p> <p>SONORA – Vinícius 1</p>	<p>QUEM FALA AGORA/ É O REPRESENTANTE DO MOVIMENTO “LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE”/ VINÍCIUS VIEIRA DE ALMEIDA/ E O PRESIDENTE DO CENTRO ACADÊMICO DE ECONOMIA DA UFV/ WALDEMIRO PETERLE NETO//</p> <p>INICIAMOS A CONVERSA COM O VINÍCIUS/ LOGO EM SEGUIDA/ O WALDEMIRO RESPONDE// AO LONGO DA CONVERSA/ A ORDEM DAS RESPOSTAS É ALTERADA//</p> <p>Qual o papel que você acha que a mídia desempenha no debate político?</p> <p>Olha, a mídia tradicional como um todo, eu acredito que ela não cumpre um papel, que é o papel da comunicação, o papel da mídia. Como eu disse, que é o de informar.</p> <p>Segundo a legislação, por exemplo, senadores, deputados, prefeitos, vereadores, não podem ter canais públicos, não podem ter meios de comunicação para expandir o seu trabalho por esse meio. Mas a gente sabe, logicamente não é essa realidade.</p>	
--	---	--

<p>SONORA – Waldemiro 1</p>	<p>Então a gente entende que esse papel da mídia, ele não é cumprido. Porque você acaba pegando esse meio de comunicação, seja rádio, seja Tv, seja impresso, e ali você não leva a notícia como um todo, a informação como um todo. Ali você coloca o seu ponto de vista, o seu posicionamento, e quer empurrar isso “goela abaixo” da população.</p> <p>Então o primeiro ponto é esse, né?! É que essa mídia realmente seja coerente naquele trabalho, que ela seja imparcial e que ela consiga abrir esse leque de discussão, mas não é o que tem acontecido no Brasil. Então por isso, talvez, que a gente tenha chegado nesse ponto político que a gente tá vivendo agora.</p> <p>Olha, eu acho a mídia fundamental, há quem diga, tem até um livro eu acho com esse nome, não me recordo bem o autor, que chama : “O quarto poder”. A gente tem os três, Legislativo, Judiciário, Executivo, e há quem diga que a imprensa seria o quarto poder.</p> <p>Tudo o que tá acontecendo no Brasil, toda essa mudança, sem sombra de dúvidas: a imprensa foi, a mídia foi fundamental. Porque na realidade, às vezes a mídia exerce um papel de Ministério Público: de denunciar. Porque se não for a mídia, isso não consegue chegar na população. Chega através dela.</p>
------------------------------------	--

<p>Sobe som – Dirt Rhodes, trilha cai para BG em 08'57" até o fim da pergunta</p> <p>SONORA – Waldemiro 2</p>	<p>Então eu acho que a imprensa é essencial, foi fundamental na política nacional, nos últimos seis, oito meses, depois de todas essas... Na verdade, há muito tempo, desde escândalos mais antigos, a mídia leva a população a isso.</p> <p>Aí tem os adeptos da mídia golpista, isso, aquilo, não sei o quê... Mas eu acho que vai da pessoa pegar aquilo ali e... Pegar o quê ela acha válido, aquilo o que ela pensa, o quê ela... Não acho que a mídia deveria ser crucificada, muito pelo contrário: se não fosse ela, a massa da população não chegaria, não estaria dentro desse processo.</p> <p>Você se sente politicamente representada na mídia?</p> <p>Sinto, porque, apesar de estar na Universidade, você acaba sendo um... Os universitários em si estão diferenciados de pessoas, por exemplo, que estão mais afastados, de outras regiões mais afastadas... Mas mesmo assim, se não fosse a mídia, por mais que seja a internet: “ah, a discussão, o facebook é essencial.” Mas é baseada aonde? De fontes que vem da mídia.</p> <p>Então, lá em Brasília, por exemplo, toda essa coisa acontecendo, tem repórter de tudo quanto é veículo</p>	
---	--	--

<p>SONORA – Vinícius 2</p>	<p>nacional e internacional ali, coletando as informações para colocar para a população. Por mais que as redes sociais tenham assumido um papel muito importante, se não fosse a mídia, de onde viria a discussão? Não teria condição.</p> <p>Então eu acho que, a mídia representa sim. Querendo ou não, tem a mídia tendenciosa para todos os lados. Tem um que vai mais pra um lado de direita, pró-governo, oposição... Isso é um fato, não vai ter como não existir isso. Porque, novamente, quem faz parte da mídia são as pessoas. É natural do ser humano ter uma certa parcialidade. Isso aí é inevitável. Uns mais, outros menos. Mas o isento, é muito difícil.</p> <p>Bom, aí a gente tem que definir o quê que é mídia. Por essa mídia tradicional, hegemônica que a gente tem no nosso país nesse momento, não. Porque ela é uma mídia que à todo momento ela tenta alienar a população. Como já disse, ela não leva o debate.</p> <p>Porque, eu não tenho nenhum problema com a Globo, a não ser que ela cumpra o papel dela - o papel que é levar as pautas da Direita – pauta ao qual a população não acessa como um todo e tá naquele enfrentamento constantemente. E isso é muito ruim, porque você é algo, você tá ali levando uma mensagem pra uma pessoa, e a sua mensagem a</p>
-----------------------------------	--

<p>Sobe som – Dirt Rhodes, trilha cai para BG em 11'47" até o fim da pergunta</p> <p>SONORA - Waldemiro 3</p>	<p>todo momento, é uma mensagem que não cria uma discussão, que você quer alienar a pessoa, que você quer colocar na cabeça da pessoa que aquilo tá certo ou tá errado, então isso para nós, não nos representa, né.</p> <p>Agora, fosse um canal do qual ele falava: “olha, teve isso mas também tem isso. Acontece isso, mas acontece isso”... A função da Comunicação é de informar, e não de colocar um posicionamento sobre a notícia. O quê é totalmente diferente da Globo, né?! Não cria esse debate justamente por causa disso. Ele não mostra os dois lados. Ele mostra apenas o lado que ele quer que interessa a ele.</p> <p>Todos esses grupos políticos, você sente que todos os grupos são politicamente representados na mídia? Você acha que tem voz pra todo mundo?</p> <p>Eu tenho certeza que tem. Com certeza tem, tem voz pra todo mundo. Como eu já citei aqui, veículos de todos os lados, blogs... Porque tem uns que realmente estão ali para poder causar confusão. É notícia falsa, é coisa que eu nem sei de onde que tira, mas tem os fundamentados.</p> <p>E na internet a pessoa, ela pode se representar, ela pode ir lá escrever o quê ela quiser, pode discutir com quem ela quiser... Então assim, essa história que “ah, tem o oprimido, que não sei o quê, que não tem a voz”... Eu não acredito nisso, não. Acho que todos tem a voz, então é sem dúvida, esse discurso para</p>	
---	---	--

<p>SONORA – Vinícius 3</p>	<p>mim é muito vitimismo, às vezes.</p> <p>Na mídia tradicional, eu acredito que existe um grupo sim que ele é representado. E aí a Globo, né... Porque que tô rebatendo na Globo, porque a Globo ela tem o papel muito grande de levar informação para a população. E a Globo ela não é coerente nesse sentido, ela tem um lado, ela tem um posicionamento político. Porque ela tinha um “grande medo” do governo passado, antes do golpe.</p> <p>Porque que é dito que o Brasil tá passando por uma crise financeira, precisa aumentar a arrecadação, mas a Globo tá lá devendo pra população, pra União, né?! Então porque que ela mesmo não paga, ou ela divulga o que tá defendendo? Não, porque ela tem um lado próprio, que são daquelas pessoas que é da elite de fato.</p>	
<p>Sobe som – Dirt Rhodes, trilha cai para BG em 13'31” até o fim da pergunta</p>	<p>Qual o papel que você acha que a mídia deveria desempenhar? O que você espera, assim, dos meios de comunicação?</p>	
<p>SONORA – Vinícius 4</p>	<p>Bom, eu espero que os meios de comunicação levassem a notícia do que tá acontecendo de fato. E através de levar essa notícia, de informar a população, colocar o quê tá acontecendo. E aí sim, a população irá decidir se isso é benéfico ou não. E não</p>	

<p>SONORA - Waldemiro 4</p>	<p>você já levar uma notícia totalmente tendenciosa falando que isso é ruim ou que isso é bom.</p> <p>Porque se eu me referencio naquele canal, e se aquele canal fala que isso é bom, isso é ruim, a partir desse momento eu nem paro pra fazer uma crítica sobre o quê eu tô ouvindo, né?! Então, por isso, esse papel da alienação, porque se o canal me diz que é bom, e se eu estou constantemente vendo aquele canal, vendo aquele canal, e ele fala que é bom, que é bom, que é bom... aquilo vai acabar se tornando bom. E eu não vou parar pra exercer né, esse exercício, de refletir, de fazer uma análise crítica sobre o assunto. Então uma das principais problemáticas é esta.</p> <p>Eu acho que esse papel, novamente entre aspas, do “Ministério Público”, do “denunciador”, que pega aquilo ali, e joga na população, é muito importante, já frisei isso aqui. Então eu acho que, a mídia brasileira, crucificada por muitos, porque acontece o seguinte: a pessoa quando, a sua ideologia, o seu partido, o seu candidato... Tá em decadência, ele se senta na seguinte coisa: “a mídia não deve falar isso pra ninguém”. Se fala, é golpe, tendência, tá botando, incitando o ódio da população, mas não é isso.</p> <p>População tem que tá informada daquilo que tá acontecendo. Afinal de contas, os deputados,</p>
------------------------------------	---

Sobe som – Dances and Dames, trilha cai em 15'46”

senadores, presidentes, governadores... Em modo geral, tão lá, sendo o quê? Funcionários do povo. Então a população concede a eles esse mandato, então a população tem que estar atenta a tudo o que está acontecendo.

MARCO: A EXISTÊNCIA DE FORMAS DE PENSAR DIFERENTES FAZ BEM AO JOGO POLÍTICO// AFINAL/ VIVEMOS EM UMA DEMOCRACIA/ E ELA É/ EM SUA ESSÊNCIA, CONFLITO// OS MEIOS E VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA SEMPRE FORAM UM ESPAÇO PARA O PÚBLICO DEBATER AS SUAS IDEIAS// PARA JEFERSON, A MÍDIA É UM FÓRUM, UM ESPAÇO PARA DISCUSSÕES/ SÓ QUE ESTE ESPAÇO ESTÁ ENFRAQUECIDO PELA PASSIONALIDADE//

SONORA – Jeferson Boechat

A mídia, ela na verdade é um fórum, um espaço, onde você tem, pelo menos das empresas de comunicação, elas tem essa capacidade de ofertar ao público os temas que vão ser discutidos. Rede Globo faz isso, as revistas fazem isso.

O problema não é esse. O problema é que pelo apego excessivamente emocional dos fatos políticos, se você olhar a história do Brasil, se lembre dos eventos anteriores a revolução de trinta, numa escala muito menor, havia uma passionalidade gigantesca. Os

<p>Sobe som – Dance and Dames, trilha cai em 18'41”</p> <p>Entrada do programa “Em Tempo Real” até 19'42”</p> <p>SONORA José Valentim</p>	<p>extrema, e isso é o que tem provocado todas essas confusões, inclusive o uso de mídia no facebook são usados para agressão, xingatório... Isso são componentes, que se expressam através da mídia, mas não exatamente são de responsabilidade da mídia.</p> <p>MARCO: O MOMENTO NÃO É MESMO DE TRANQUILIDADE PARA FALAR SOBRE POLÍTICA/ AINDA MAIS NA MÍDIA// CIENTE DESSA CONDIÇÃO, O RADIALISTA JOSÉ ANTÔNIO VALENTIM COMEÇA O SEU PROGRAMA NA RÁDIO MONTANHESA DE VIÇOSA/ A CADA MANHÃ//</p> <p>MARCO: COM QUASE 30 ANOS DE PROFISSÃO E TAMBÉM COM BOA PARTE DA SUA VIDA DEDICADA AO MUNDO POLÍTICO/ O SEU PROGRAMA/ O “EM TEMPO REAL”/ É UM BOM EXEMPLO LOCAL DE COMO A MÍDIA - ESPECIALMENTE O RÁDIO - PODE SE TORNAR UM SISTEMA CRÍTICO DAS ATIVIDADES DOS NOSSOS REPRESENTANTES//</p> <p>A intenção é de provocar nos ouvintes essa possibilidade de ele poderem também, discutir os</p>	
--	--	--

<p>SONORA José Valentim</p>	<p>assuntos do dia-a-dia, principalmente aqueles assuntos que mais interessam a nossa comunidade. Que seja questão ligada a saúde, saneamento básico, segurança... enfim. É exatamente para provocar, a gente quer provocar os nossos ouvintes, entendeu?</p> <p>Por isso que a gente realiza esses debates: fazer com que nossos ouvintes também discutam os problemas vividos na comunidade, pra que eles também venham discutir os problemas da comunidade. A gente quer que eles também tenham uma participação crítica, diante dos problemas da nossa comunidade e deixem de ser uma comunidade passiva e passe a discutir”.</p> <p>A POLÍTICA/ SEJA LOCAL E NACIONAL/É PAUTA RECORRENTE NO DIA A DIA DO PROGRAMA// AUTORIDADES/ INTELECTUAIS E REPRESENTANTES ELEITOS PELA POPULAÇÃO/ SEMPRE APARECEM EM CONVERSAS E DISCUSSÕES/ INCLUSIVE COM PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES/ NOS ESTÚDIOS DA EMISSORA/ ONDE AS ATIVIDADES SÃO REALIZADAS//</p> <p>Nós temos franqueado espaço para os políticos, em nível local, regional, nacional... a gente coloca. E aqui não tem sectarismo, não. Então a gente ouve sempre os políticos dos mais variados matizes, das mais variadas ideologias. Aqui a gente sempre tem essa preocupação.</p>
--	---

<p>SONORA José Valentim</p>	<p>PARA O APRESENTADOR/ ESSE ESPAÇO CUMPRE UM PAPEL ESSENCIAL DE UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO/ QUE TRABALHA PARA O DEBATE POLÍTICO//</p> <p>Eu acho ele exerce um papel fundamental no momento que ele disponibiliza espaço para essas discussões. Eu acho que essa abertura de espaço é um compromisso que a emissora tem, mas mais do que isso, é um dever dos meios de comunicação social de promover esses debates.</p> <p>COM O PROGRAMA NO AR DESDE 2013 - ANO DAS JORNADAS DA JUNHO - O RADIALISTA VEM OBSERVANDO A MUDANÇA NO CENÁRIO POLÍTICO DO PAÍS/ PRINCIPALMENTE NA PARTICIPAÇÃO POPULAR//</p>	
<p>SONORA José Valentim</p>	<p>Hoje nós estamos acompanhando aí, né?! Especialmente pós-2013, aquelas manifestações de junho de 2013, ali a gente tinha um foco, especialmente em São Paulo, nos grandes centros, né. Ali a gente tinha um foco específico e foi uma manifestação apartidária. Não tinha nenhum partido por trás daquelas manifestações, não é. Eu acho que ali foi um divisor de águas na participação da população. E aí começou 2013 com todas aquelas manifestações, mais adiante tivemos outras manifestações, e que acabou em 2015, com as grandes manifestações em favor do impeachment da</p>	

<p>SONORA José Valentim</p>	<p>presidente. Então você sente que é mais acalorado, diria até mais tenso o debate?</p> <p>Sim, exatamente provocado pelo calor das ruas, isso aí provoca também, isso mexe, provoca as pessoas...</p> <p>No dia a dia do seu programa...</p>	
<p>SONORA José Valentim</p>	<p>Isso, sem dúvidas. As pessoas tem participado também. Não só os debatedores convidados, mas os ouvintes também, eles tem participado e tem manifestado também a sua opinião, nos mais variados ângulos, né? De acordo com a observação do ouvinte.</p> <p>MARCO: O PROGRAMA AINDA CONTA COM A SEÇÃO CHAMADA DE “DEBATES POPULARES”/ EM QUE INTELECTUAIS CONVIDADOS PELO APRESENTADOR/ DISCUTEM SOBRE OS MAIS VARIADOS TEMAS/ INCLUSIVE E GERALMENTE/ A POLÍTICA NACIONAL// VAMOS OUVIR AGORA/ UM TRECHO DO PROGRAMA “EM TEMPO REAL” E VER COMO ISSO ACONTECE//</p>	
<p>Sobe som Efeito sonoro, 23’42”</p> <p>Trecho do programa “Em Tempo Real”</p> <p>Sobe som</p>		

Efeito sonoro, 25'12"
Continuação Trecho do programa “Em Tempo Real”

Sobe som
Efeito sonoro 25'54”

MARCO: A POLÍTICA ATUALMENTE VEM SENDO UM ASSUNTO COMPLEXO DE SER DISCUTIDO E NÃO MUITO FÁCIL DE ACONTECER SEM SE EXALTAR OS ÂNIMOS// SEJA POR RAZÕES CULTURAIS E PROBLEMAS SISTÊMICOS DA NOSSA SOCIEDADE/ EXPOSTOS PELO SOCIÓLOGO JEFERSON BOECHAT/ OU SENDO OCASIONADO TAMBÉM POR DIFERENTES MODELOS DE VISÕES DE MUNDO// COMO VIMOS COM VINÍCIUS VIEIRA DE ALMEIDA E WALDEMIRO PETERLE NETO//

ASSIM/ PODEMOS PERCEBER PELA MÍDIA COMO OS CIDADÃOS TEM CONTATO COM A VIDA PÚBLICA/ E EM VIÇOSA/ A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO PROGRAMA “EM TEMPO REAL”/ TEMOS UM EXEMPLO DIÁRIO DE COMO ESSAS EXPERIÊNCIAS ACONTECEM//

Sobe Som – Call to Adventure, trilha cai para BG em 26'42” até o fim da locução

FICHA TÉCNICA

ESTE RADIODOCUMENTÁRIO FOI PRODUZIDO COMO PARTE DO PROJETO DE CONCLUSÃO DO

	CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA./ PRODUÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO: MARCO AURÉLIO NEVES./ APOIO TÉCNICO: LEANDRO VIEIRA E CLAUDIO BENITEZ GESUALDO PINHEIRO/ ORIENTAÇÃO, PROFESSOR FELIPE MENICUCCI.//	
--	--	--